

GRUPO TEMÁTICO 'ESCRITOS SOBRE OS NOVOS MUNDOS'
GRUPO DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIRO 'RAÍZES MEDIEVAIS DO BRASIL MODERNO'

CADERNO DE RESUMOS

DO ESPÍRITO E DO CORPO
CONGRESSO INTERNACIONAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
UNESP/ FRANCA
2018

CRONOGRAMA

	TERÇA-FEIRA 05/06	QUARTA-FEIRA 06/06	QUINTA-FEIRA 07/06	SEXTA-FEIRA 08/06
MANHÃ	<p style="text-align: center;">08h30 Credenciamento Anf. I</p> <p style="text-align: center;">09h Mesa de abertura 'As emoções e suas dimensões corpóreas' Anf. I</p> <p style="text-align: center;">11h Mesa 'Luzes sobre corpos excêntricos' Anf. I</p>	<p style="text-align: center;">09h Mesa 'Corporificações do homem e da mulher' Anf. I</p>	<p style="text-align: center;">08h30 Simpósio Temático 01 Sala 14 (3RI)</p> <p style="text-align: center;">09h Simpósio Temático 02 Sala 15 (4RI)</p>	<p style="text-align: center;">09h Mesa 'Zelos corporais e soluções curativas' Anf. I</p> <p style="text-align: center;">11h Mesa de encerramento 'Lugares para debelar os males do corpo e da alma' Anf. I</p>
TARDE	<p style="text-align: center;">14h Mesa 'Modos e meios para regrad o espírito e o corpo' Anf. I</p>	<p style="text-align: center;">14h Mesa 'Os corpos: entre juízos e justiças' Anf. I</p> <p style="text-align: center;">16h15 Mesa 'Líquidos e ervas em prol do corpo' Anf. I</p>	<p style="text-align: center;">14h Mesa 'Entre o céu e a terra, a alma e o corpo' Anf. I</p> <p style="text-align: center;">17h Lançamento de livros Sala 16 (1H)</p>	-
NOITE			<p style="text-align: center;">18h Simpósio Temático 01 Sala 18 (2H)</p> <p style="text-align: center;">Simpósio Temático 02 Sala 19 (3H)</p>	

PROGRAMAÇÃO

TERÇA-FEIRA, 05 DE JUNHO

08H30 – CREDENCIAMENTO

Local: Anfiteatro I

9H – MESA DE ABERTURA – AS EMOÇÕES E SUAS DIMENSÕES CORPÓREAS

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Profa. Dra. Manuela Mendonça (CH-FLUL-ULisboa / APH)

A emergência das ciências medievais da emoção entre os séculos XI e XIII:
uma história intelectual

Profa. Dra. Piroska Nagy (UQAM)

“Pública tristeza”: os gestos tristes na história quatrocentista

Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França (UNESP/França / APH)

11H – MESA – LUZES SOBRE CORPOS EXCÊNTRICOS

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Profa. Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB / APH)

Do corpo e das suas formas de representação na escrita de viagem do Portugal
de Quinhentos: Topoi e modelações

Profa. Dra. Ana Paula Avelar (UAb)

O corpo no olhar dos portugueses de Quinhentos - Estudo comparativo

Prof. Dr. João Marinho dos Santos (UC / APH)

14H – MESA – MODOS E MEIOS PARA REGRAR O ESPÍRITO E O CORPO

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Profa. Dra. Margarida Garcez Ventura (CH-FLUL-ULisboa / APH)

O Livro das Aves: A domesticação do corpo e a imortalidade da alma (séc. XII-XIV)

Profa. Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB / APH)

A emenda dos olhos e ouvidos na produção pastoral portuguesa (século XV)

Prof. Dr. Leandro Alves Teodoro (UNESP/Franca)

O regime alimentar nos mosteiros da Idade Média em Portugal: nutrição, ética e cultura

Prof. Dr. Armando Martins (CH-FLUL-ULisboa / APH)

Notas sobre dois manuais de conduta produzidos para as gentes da colônia

Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França (UNESP/Franca)

QUARTA-FEIRA, 06 DE JUNHO

9H – MESA – CORPORIFICAÇÕES DO HOMEM E DA MULHER

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Profa. Dra. Vânia Leite Fróes (UFF)

Género, corpo e sexualidade régios nas crónicas de Rui de Pina

Profa. Dra. Ana Maria S. A. Rodrigues (CH-FLUL-ULisboa / APH)

Corpo Feminino no Discurso Médico Masculino na Modernidade: o Contributo do Cristão-Novo Rodrigo de Castro

Profa. Dra. Maria de Fátima Reis (CESAB / CH-FLUL-ULisboa / APH)

O corpo e o espírito na argumentação teórica respeitante aos casamentos régios ibéricos medievais

Profa. Dra. Manuela Santos Silva (CH-FLUL-ULisboa / APH)

O corpo da alma: imagens do trespasse no Ocidente medieval

Profa. Dra. Maria Cristina C. Leandro Pereira (LATHIMM/USP)

Do Corpo de um Imaginário, a um Imaginário enquanto Corpo – A narrativa da 'entrada' de Hernando De Soto em Terras do Novo Mundo

Prof. Dr. Mário Carlos Fernandes Avelar (UAb)

14H – MESA – OS CORPOS: ENTRE JUÍZOS E JUSTIÇAS

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Prof. Dr. João Marinho dos Santos (UC / APH)

As provas judiciárias na Guiné segundo o Tratado breve dos rios da Guiné do Cabo-Verde, de André Álvares de Almada (1592)

Prof. Dr. José Rivair Macedo (UFRGS / APH)

Todos os corpos têm alma? Os jesuítas e a defesa dos índios e negros no Brasil (séculos XVI-XVII)

Prof. Dr. Miguel Corrêa Monteiro (CH-FLUL-ULisboa / APH)

Do direito de vida e morte dos senhores sobre seus escravos no mundo luso brasileiro do século XVIII

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira (UNESP/Franca)

16H15 – MESA – LÍQUIDOS E ERVAS EM PROL DO CORPO

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Profa. Dra. Dulce Amarante dos Santos (UFG / APH)

Os saberes medicinais divulgados pelas crônicas de Índias (século XVI)

Profa. Dra. Maria Emília Granduque José (UNESP/Franca)

“Café vingado”: das virtudes curativas de uma nova bebida
Profa. Dra. Milena da Silveira Pereira (UNESP/Franca)

Dois receituários dos jesuítas para o tratamento dos corpos no Brasil colonial
Profa. Dra. Ana Carolina de Carvalho Viotti (UNESP/Franca)

QUINTA-FEIRA, 07 DE JUNHO

MANHÃ – SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

08H30

ST 01 – Da alma ao corpo e do corpo à alma nos escritos medievais e modernos

Local: Sala 14 (3º RI)

09H

ST 02 – Do corpo da nação e do espírito de época nos séculos XIX e XX

Local: Sala 15 (4º RI)

14H – MESA – ENTRE O CÉU E A TERRA, A ALMA E O CORPO

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Prof. Dr. Armando Martins (CH-FLUL-ULisboa / APH)

A Antropologia Bíblica e a dos Padres da Igreja na Teologia da Cristandade Medieval

Prof. Dr. Francisco José Gomes (UFRJ / APH)

Os sentimentos e as emoções do cavaleiro Túndalo em sua viagem ao além-túmulo (século XV)

Profa. Dra. Adriana Zierer (UEMA)

O corpo sem espírito: os animais nas enciclopédias do século XIII
Prof. Dr. Rafael Afonso Gonçalves (USP)

Da ordem dos céus à ordem dos corpos, escritos sobre influências astrais e medicina

Profa. Dra. Simone Ferreira Gomes de Almeida (FBN)

Caminhos da salvação e da saúde da alma no teatro vicentino

Profa. Dra. Vânia Leite Fróes (UFF)

17H – LANÇAMENTO DE LIVROS

18H – SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

ST 01 – Da alma ao corpo e do corpo à alma nos escritos medievais e modernos

Local: Sala 18 (2º SS)

ST 02 – Do corpo da nação e do espírito de época nos séculos XIX e XX

Local: Sala 19 (3º SS)

SEXTA-FEIRA, 08 DE JUNHO

9H – MESA – ZELOS CORPORAIS E SOLUÇÕES CURATIVAS

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira (UNESP/Franca)

O corpo cristianizado sob os cuidados da escolástica médica

Profa. Dra. Dulce Amarante dos Santos (UFG / APH)

Uma história dos cuidados com o corpo em língua portuguesa (séculos XV-XVIII)
Profa. Dra. Michelle Souza e Silva (FBN)

11H – MESA DE ENCERRAMENTO – LUGARES PARA DEBELAR OS MALES DO CORPO E DA ALMA

Local: Anfiteatro I

Coordenação: Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França (UNESP/Franca / APH)

Hospitais medievais em Portugal nos finais da Idade Média: uma complexa pauta de valoração e de jurisdições

Profa. Dra. Margarida Garcez Ventura (CH-FLUL-ULisboa / APH)

Reformando a saúde no século XV. O Hospital de Todos os Santos

Profa. Dra. Manuela Mendonça(CH-FLUL-ULisboa / APH)

PROGRAMA DETALHADO

CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS

DIA 05/08, TERÇA-FEIRA

MESA DE ABERTURA – AS EMOÇÕES E SUAS DIMENSÕES CORPÓREAS

Coordenação: Profa. Dra. Manuela Mendonça (CH-FLUL-ULisboa / APH)

A emergência das ciências medievais da emoção entre os séculos XI e XIII: uma história intelectual

Profa. Dra. Piroska Nagy (UQAM)

RESUMO: Embora na narrativa, tornada habitual, do desenvolvimento do pensamento ocidental a propósito da emoção, o conceito se cristalice simultaneamente à secularização da sociedade e do pensamento europeu – estando intimamente ligado ao nascimento da disciplina psicológica –, pretende-se aqui mostrar que uma psicologia sistemática do afeto, na qual emoção e razão estão diretamente ligadas, emergiu muito tempo antes no âmbito do pensamento cristão ocidental. Com efeito, a antropologia cristã – isto é, a concepção de ser humano – foi inteiramente reformulada no contexto da renovação cultural e intelectual ocorrida entre os séculos XI e XIII, concomitantemente no mundo monástico e nos meios escolásticos. Na alta Idade Média, as emoções eram compreendidas por meio da perspectiva moral dualista dos vícios e das virtudes; a partir do século XII, as emoções, positivas ou negativas, atraíram uma atenção crescente e começaram a integrar a imagem mais complexa da natureza humana. Apesar de a perspectiva cristã continuar a constituir o quadro de uma literatura em forte crescimento, orientada pela psicologia, as emoções são descritas em relação com as potências da alma e suas dimensões sensoriais e corporais, ao mesmo tempo que em relação com suas funções cognitiva, racional e volitiva – consideradas

de maneira integrada. É essa psicologia medieval das emoções que pretendemos aqui apresentar.

“Pública tristeza”: os gestos tristes na história quatrocentista

Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França (UNESP/Franca / APH)

RESUMO: A história dos estados de espírito, das emoções e dos gestos tem se mostrado como uma das portas a serem exploradas pelos historiadores para pensar o que move os homens e os pactos morais estabelecidos em determinadas sociedades, bem como para refletir sobre as relações entre o individual e o coletivo ou entre o corpo, o espírito e a memória, seja dos sofrimentos, seja das alegrias. A comunicação proposta, esmiuçando alguns desses elos, interrogará especificamente as referências às manifestações de tristeza que mereceram ser recordadas pelos historiadores do reino de Portugal no Quatrocentos. O objetivo da interrogação é observar as manifestações de tristeza correntes nas narrativas e os juízos dos autores sobre tais sentimentos manifestos. Menos o íntimo e mais os estados que podiam ser tratados na forma de história é o que será investigado.

MESA – LUZES SOBRE CORPOS EXCÊNTRICOS

Coordenação: Profa. Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB / APH)

Do corpo e das suas formas de representação na escrita de viagem do Portugal de Quinhentos: Topoi e modelações

Profa. Dra. Ana Paula Avelar (UAb)

RESUMO: Partindo da definição de escrita de viagem e dos seus modelos analisar-se-á o modo como o corpo foi representado nos primeiros discursos sobre o encontro de Portugal com os espaços extra-europeus. Exercitando os conceitos de etno e ideo-paisagens, desenvolvidos por Arjun Appadurai e enquadrando-os no contexto de uma História Global, aplicar-se-á esta proposta analítica às modelações de representação do corpo do Eu e do Outro. O enquadramento da escrita de viagem produzida no Portugal de Quinhentos e a explicitação de conceitos como discurso, império, imagem, os quais

integram este universo conceptual, funcionarão como solo de exposição dos modelos de representação tanto do corpo da mulher como do homem, para além dos diferentes tecidos sociais expostos. Este exercício aplicar-se-á a narrativas que se enquadram no contexto discursivo da expansão portuguesa (crónicas, memórias, relatos de viagem ...). Na brevíssima apresentação de alguns exemplos, considerados paradigmáticos, definir-se-ão, para além dos topoi e de possíveis modelos, os contextos espaço-temporais e as formas de tratamento historiográfico. Nesta (re)construção dos olhares veiculados pelos discursos produzidos no Portugal de Quinhentos, confrontar-se-ão diferentes permanências em diferentes espaços extra-europeus e as possíveis tipologias exercitadas nos discursos analisados.

O corpo no olhar dos portugueses de Quinhentos

Prof. Dr. João Marinho dos Santos (UC / APH)

RESUMO: Como é vulgar dizer-se, o “corpo fala” e fala muito sobre o homem, no masculino e no feminino. São múltiplas, portanto, as implicações ou relações que o homem estabelece ao nível corporal: necessidades fisiológicas e higiénicas, controle dos movimentos e dos gestos, preocupação com o vestuário e o embelezamento, valorização da nudez e vivência (ou não) da sexualidade... Procuraremos, nesta comunicação, captar imagens da corporalidade humana aos olhos dos Portugueses de Quinhentos, tendo presente que, particularmente naquela centúria, eles tiveram mais oportunidade para se apreciarem e apreciarem os “outros” à escala mundial, incluindo portanto o Brasil. Os referentes da sua observação serão, compreensivelmente, os deles próprios. Do que resultou, por certo, verificaram-se desfocagens colectivas e singulares, mas também imagens curiosas e novas com que as fontes históricas (descrições e narrações, itinerários e viagens, histórias e crónicas, cartas e memórias, obras de teatro e representações iconográficas) culturalmente nos enriqueceram.

MESA – MODOS E MEIOS PARA REGRAR O ESPÍRITO E O CORPO

Coordenação: Profa. Dra. Margarida Garcez Ventura (CH-FLUL-ULisboa / APH)

O Livro das Aves: A domesticação do corpo e a imortalidade da alma (séc. XII-XIV)

Profa. Dra. Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB / APH)

RESUMO: Tertuliano (séc. II) em *De Anima*, estudo voltado para a alma e os sonhos, confronta as teses dos antigos, afirmando que, sem alma, não existe sonho e que está é imortal. Sua argumentação é sólida: ele dialoga com os filósofos da antiguidade grega e recorre à noção hebraica da alma, incompatível com a dicotomia platônica alma/corpo. É por este viés que Tertuliano determina a concepção cristã da alma, onde localiza a origem do sonho. A versão em latim do *Livro das Aves* do mosteiro de Lorvão (Portugal) representa, no último fólio, a criação da mulher. Contrapondo-se a esta figuração, a versão em português do mesmo manuscrito, datada do século XIV (que se encontra na Universidade de Brasília), tem como última iluminura a visão apocalíptica de Ezequiel. O Livro das Aves é um manual de doutrina cristã no qual é adotada uma linguagem recheada de metáforas e alegorias, que, tomando como referência as aves, descreve vícios e virtudes. As iluminuras finais dos dois códices permitem compreender como a relação corpo e alma se construiu na Idade Média.

A emenda dos olhos e ouvidos na produção pastoral portuguesa (século XV)

Prof. Dr. Leandro Alves Teodoro (UNESP/Franca)

RESUMO: No final do século XIV, os mosteiros cistercienses portugueses, especialmente de Santa Maria de Alcobaça e de Santa Maria de Bouro, redigiram diferentes tipos de obras pastorais em que eram concentradas lições específicas a respeito da emenda do corpo e do espírito. Esta apresentação, serializando parte dessas obras, examinará as principais medidas tomadas por esses mosteiros e grandes dioceses do reino de Portugal para ensinar homens e mulheres a filtrar as sensações despertadas pela vista e o ouvido. Mais precisamente, com ênfase na produção de tratados voltados à iniciação dos

fiéis nas bases morais da fé cristã, o objetivo será analisar em que medida a disciplina proposta para o corpo possuía como um de seus alvos o controle das impressões geradas pelo ver e o ouvir. Visando explorar os caminhos que levaram a Igreja a atribuir aos sentidos corporais um imprescindível papel no diálogo com o plano divino, outra meta deste trabalho consistirá em esquadriñar prédicas quatrocentistas portuguesas a respeito do papel dos ouvidos e olhos como os principais canais de assimilação de ensinamentos que pudessem fortalecer o espírito.

O regime alimentar nos mosteiros da Idade Média em Portugal: nutrição, ética e cultura

Prof. Dr. Armando Martins (CH-FLUL-ULisboa / APH)

RESUMO: Ponhamos como hipótese desta comunicação se a ementa e os valores essenciais do regime alimentar e da maneira de estar à mesa nos mosteiros medievais portugueses (a partir de uma amostra) - práticas imitadas pelas elites e posteriormente divulgadas a outros grupos sociais – também se encontram, de alguma forma, nas 'raízes medievais do Brasil moderno'. Primeiro, iremos detidamente, a partir das suas regras e costumes, averiguar ementas, etiqueta e os valores éticos e culturais daqueles regimes monásticos nos séculos indicados, esclarecendo depois como se difundiam para o exterior; seguidamente, interessa sondar as características e costumes da mesa e as tradições da cozinha colonial brasileira (na sua evolução entre os séculos XVI-XIX) e, posteriormente, da história da alimentação no Brasil, o que faremos a partir de estudos já conhecidos; finalmente, tentaremos compreender – finalidade essencial da história – se existe entre aqueles e estes algum nexo de causalidade ou ao menos de influência, para concluirmos se, também neste domínio, aquele regime deixou raízes medievais portuguesas na construção do Brasil moderno.

Notas sobre dois manuais de conduta produzidos para as gentes da colônia

Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França (UNESP/França)

RESUMO: O que se pretende nesta apresentação é promover um mapeamento de dois guias de ensinamentos morais que circularam pela América Portuguesa

no século XVIII: o best-seller de 1728, *O Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, e o *Discursos políticos-morais*, publicado em 1758 por Feliciano Joaquim de Souza Nunes. Únicos em seu gênero entre os livros produzidos ao longo do período colonial por colonos e para os colonos, tais obras, como procuraremos demonstrar, ainda que escritas por leigos num mundo cultural povoado por escritores religiosos ou ligados à igreja, oferecem uma excelente síntese das práticas espirituais e códigos morais que orientavam ou deveriam orientar, segundo à perspectiva dos letrados da terra, a ação dos colonos.

QUARTA-FEIRA, 06 DE JUNHO

MESA – CORPORIFICAÇÕES DO HOMEM E DA MULHER

Coordenação: Profa. Dra. Vânia Leite Fróes (UFF)

Género, corpo e sexualidade régios nas crónicas de Rui de Pina
Profa. Dra. Ana Maria S. A. Rodrigues (CH-FLUL-ULisboa / APH)

RESUMO: É sobejamente conhecido que as crónicas de Fernão Lopes lhe foram encomendadas por D. Duarte para exaltar D. João I e denegrir o monarca anterior, justificando a mudança de dinastia e legitimando o novo soberano e os seus sucessores. Assim, o cronista traça retratos vigorosos, quer para o bem quer para o mal, dos reis e rainhas implicados, retratos esses que foram há pouco abordados do ponto de vista da história do género: D. Fernando é um monarca fraco, volúvel, guiado pelos sentidos e manipulado pela esposa, Leonor Teles, mulher voluptuosa e infiel; já D. Filipa de Lencastre é uma rainha quase santa, exemplar no seu rigor moral, que encontra em D. João I um marido de idêntica austeridade e fé. Curiosamente, as crónicas de Rui de Pina nunca foram submetidas a uma tal análise. Escritas, também, a mando de um soberano – neste caso, D. João II – elas cobrem os primeiros reinados da monarquia portuguesa e depois os de D. Duarte, D. Afonso V e do próprio D. João II. É sobretudo a respeito destes últimos que o autor insere reflexões e

pequenas histórias sobre os corpos, a sexualidade e o afeto que unia os casais régios que iremos analisar neste trabalho, de forma a tentarmos perceber como se articulavam, na época, a moral cristã com a necessidade de garantir a sucessão no trono, os anseios espirituais com as práticas cortesãs.

Corpo Feminino no Discurso Médico Masculino na Modernidade: o Contributo do Cristão-Novo Rodrigo de Castro

Profa. Dra. Maria de Fátima Reis (CESAB/CH- FLUL-ULisboa / APH)

RESUMO: Enquadrado numa vertente interdisciplinar – da História da Mulher e da Medicina aos Estudos de Género e Sefarditas – este trabalho incide sobre o corpo feminino como topos da escrita masculina na Modernidade, no que diz respeito à saúde e à doença, aos cuidados e à cura. Tomando como expressão a obra *De Universa Muliebrium Morborum Medicina*, de 1603, procura-se compreender o contributo do seu autor, o cristão-novo Rodrigo de Castro, para o conhecimento e difusão da Medicina da Mulher na Europa Ocidental.

O corpo e o espírito na argumentação teórica respeitante aos casamentos régios ibéricos medievais

Profa. Dra. Manuela Santos Silva (CH-FLUL-ULisboa / APH)

RESUMO: A Península Ibérica conheceu no século XIII três códigos legislativos que continham determinações aprofundadas sobre matérias de natureza social. Na versão castelhana do antigo código visigótico, editado no reinado de Fernando III, e conhecido por *Fuero Juzgo*, o Livro III era dedicado aos Esponsais e às Bodas. Nas *Siete Partidas* foi a 4ª que o legislador dedicou a *Los Desposorios* e *Los Casamientos*. No entanto, na Segunda Partida em que se definem as obrigações e direitos de Imperadores e Reis, o tema do casamento régio ganha no Título XIV características de um verdadeiro Espelho de Príncipes misturando conceitos morais, com ideais colhidos da prática social, como já tinha acontecido no *Espéculo de los Derechos*, ambos elaborados depois de 1250 no reinado de Alfonso X de Castela e Leão. É com base nestes regimentos que pretendemos ponderar o peso do corpo e do espírito na hora de combinar o matrimónio régio e de julgar os

comportamentos dos noivos e cônjuges neste século XIII e nos seguintes, em que estes regimentos continuaram a exercer grande influência sobre a sociedade ibérica ocidental.

O corpo da alma: imagens do trespasse no Ocidente medieval

Profa. Dra. Maria Cristina Correia Leandro Pereira (LATHIMM/USP)

RESUMO: A preocupação dos homens na Idade Média com a morte não poderia deixar de repercutir em sua produção visual. Das inúmeras cenas de morte por martírio, por exemplo, às figurações do julgamento final, refletia-se sobre os modos de morrer e o que ocorreria às almas dos mortos logo após o trespasse e em seu destino último. Interessa-nos aqui examinar mais atentamente o momento do trespasse, com a separação entre corpo e alma: como os artistas medievais deram a ver a distinção entre essas duas entidades, uma vez que se generalizou a figuração da alma como um corpo? Em que os diferentes destinos post-mortem afetam tais representações? A partir de um corpus de imagens do período em que se convencionou designar como Baixa Idade Média, pretendemos discutir essas e outras questões que se relacionam diretamente ao tema do Evento.

Do Corpo de um Imaginário, a um Imaginário enquanto Corpo – A narrativa da 'entrada' de Hernando De Soto em Terras do Novo Mundo

Prof. Dr. Mário Carlos Fernandes Avelar (UAb)

RESUMO: “Do Corpo de um Imaginário, a um Imaginário enquanto Corpo – A narrativa da ‘entrada’ de Hernando De Soto em Terras do Novo Mundo” analisa a expedição de Hernando De Soto que, em 1517, deixou Santa Maria com destino à Cidade do Ouro conhecida como Dabaibe, cidade, algures nas rotas do ouro entre as minas do Perú e da Colômbia, e o Panamá e a Costa Rica, que pode ter estado na origem do mito do Eldorado junto dos povos europeus. A passagem pela Florida leva-o a uma outra vertente mítica daquele espaço, a da identificação feita por Pietro Martire entre aquele lugar e o mito da Fonte da Juventude. O narrador desta aventura, desta Relação verdadeira... publicada em Évora, em 1557, e dada a conhecer junto do público inglês sob o título Virginia richly valued em 1609 Verdadeira Relação, é um português oriundo

de Elvas que integrou a expedição de Soto. Embora nos tivesse legado uma obra pioneira da penetração europeia no Novo Mundo, esse autor persistiria anónimo sob a designação de “Fidalgo de Elvas”. É através do seu olhar que assistimos ao deslumbrante encontro com o corpo de uma alteridade onde se inscreve um imaginário e onde se começa a construir um mito que associa o Novo Mundo ao Paraíso, e aquele que ali vive a um novo Adão que o iluminismo iria conceber sem fruto do pecado.

MESA – OS CORPOS: ENTRE JUÍZOS E JUSTIÇAS

Coordenação: Prof. Dr. João Marinho dos Santos (UC / APH)

As provas judiciárias na Guiné segundo o Tratado breve dos rios da Guiné do Cabo-Verde, de André Álvares de Almada (1592)

Prof. Dr. José Rivair Macedo (UFRGS / APH)

RESUMO: Na detalhada descrição dos costumes dos povos africanos que habitavam em comunidades das atuais Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance (Noroeste africano), o cabo-verdiano André Álvares de Almada regista determinadas práticas rituais mediante as quais a justiça era praticada com o recurso ao juízo divino do ordálio. Na comunicação serão examinadas as condições em que tais provas judiciárias aparecem descritas, e as suas eventuais semelhanças ou diferenças com costumes similares observados na Idade Média europeia.

Todos os corpos têm alma? Os jesuítas e a defesa dos índios e negros no Brasil (séculos XVI-XVII)

Prof. Dr. Miguel Corrêa Monteiro (CH-FLUL-ULisboa / APH)

RESUMO: A controvérsia é antiga. É famosa a argumentação travada entre Las Casas e Sepúlveda no século XVI em relação às questões: “Os índios são seres livres ou escravos naturais?”, “Os índios têm alma?” “Os índios são realmente homens completos e verdadeiros?” “São criaturas de Deus?” “Descendem de Adão?” “São seres livres ou escravos naturais?” “São inferiores?” “São os índios súditos do Império do Diabo?”. Estas foram algumas das questões

colocadas no encontro realizado no convento de São Gregório, em Valladolid em 1550, e que foi presidido por um enviado do Papa Júlio III, o Cardeal Roncieri. Também famosa foi a defesa no século XVII do jesuíta António Vieira a favor da identidade de índios e negros como seres humanos, contra aqueles que, considerando-os brutos, isto é, não humanos, tentavam legitimar a escravatura, quer nas conquistas espanholas e portuguesas no Novo Mundo. A dimensão multifacetada de Vieira vai muito além da faceta de escritor, pois o sacerdote inaciano seria um dos maiores oradores que falaram dos púlpitos, aliando igualmente outras vertentes como a de político sensato e arguto, qualidades que somou ao facto de ter sido também um homem corajoso e profundamente empenhado na defesa das minorias, sem esquecer a de missionário fervoroso que muito cedo compreendeu em pleno sertão brasileiro e na linha de Anchieta, que sem o domínio da palavra não se consegue chegar às almas.

Do direito de vida e morte dos senhores sobre seus escravos no mundo luso brasileiro do século XVIII

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira (UNESP/Franca)

RESUMO: É conhecida, entre os estudiosos, a prática romana de conceder aos senhores o direito de vida e de morte sobre os escravos que possuíam, prática abolida pelo Imperador Justiniano, quando organizou a compilação de leis que veio a ser base de alguns dos mais importantes códigos de leis modernos. Séculos mais tarde, diante de impasses a respeito dos limites da ação dos senhores sobre os corpos de seus escravos no mundo luso-brasileiro do século XVIII, padres europeus, instalados na colônia lusa da América se empenharam, inspirados no código Antigo, em moralizar seus fiéis, porém, sustentando a proibição de tirar a vida dos cativos não só em argumentos ligados às relações entre os cidadãos, mas especialmente em um argumento espiritual, de que punham suas almas em risco na eternidade. De posse de tais pregações e da avaliação de textos legais produzidos no Setecentos, esta apresentação tem por objetivo abordar os limites morais e legais impostos aos senhores dos dois lados do atlântico, especificamente no que respeita à faculdade de punirem os crimes cometidos por seus cativos.

MESA – LÍQUIDOS E ERVAS EM PROL DO CORPO

Coordenação: Profa. Dra. Dulce Amarante dos Santos (UFG / APH)

Os saberes medicinais divulgados pelas crônicas de Índias (século XVI)

Profa. Dra. Maria Emília Granduque José (UNESP/Franca)

RESUMO: Nos relatos produzidos pelos cronistas espanhóis ao longo do século XVI, conquanto os temas variassem conforme o ofício desempenhado por cada autor, os eixos estruturantes da narrativa giravam sempre em torno de duas matérias: as histórias gerais e as histórias naturais. As histórias gerais narravam as guerras ocorridas durante o processo de conquista, as ações dos conquistadores consideradas louváveis e os primeiros contatos com os povos locais. Já as histórias naturais descreviam as características físicas dessa terra, como a geografia, o clima, a vegetação, os animais, os rios e os mares, com a finalidade de traduzir o Novo Mundo aos europeus. Partindo de um dos dois eixos, o das histórias naturais, esta apresentação buscará mostrar em que medida as crônicas de Índias divulgaram novas espécies de ervas e plantas medicinais necessárias para a cura dos males do corpo. Com ênfase nessas descrições, este estudo analisará os usos terapêuticos da flora encontrada pelos cronistas que passaram por essas terras. Visando mapear o espaço reservado aos saberes medicinais na Espanha quinhentista, esta comunicação não deixará de examinar também o papel desempenhado pela Coroa na produção e catalogação dessas matérias reportadas por esses letrados.

“Café vingado”: das virtudes curativas de uma nova bebida

Profa. Dra. Milena da Silveira Pereira (UNESP/Franca)

RESUMO: A comunicação, investigando escritos que refletiram sobre a entrada do café em Portugal no século XVIII, explorará um ângulo pouco destacado acerca desta bebida que veio mais tarde a ser uma das mais bem aceitas do mundo e estar associada ao prazer e à sociabilidade: o potencial curativo que lhe foi atribuído nos escritos publicados no reinado de D. João V. Nesta apresentação – partindo do exame de opúsculos médicos da primeira metade do Setecentos e “memórias científicas”, comuns no ocaso deste século, que tinham como função divulgar o conhecimento para engrandecer o rei e seu

reinado – serão analisados os argumentos em defesa do café em Portugal e os benefícios a este atribuídos para qualificá-lo como remédio para os males do corpo, num tempo, cabe lembrar, em que as primeiras mudas estavam começando a brotar na América Portuguesa. O documento de base da leitura será o *Caffé vingado, das vulgares calumnias defendido: discurso medico em que se mostra, que o uso de café he proveitoso, e para muitas queixas utilissimo remédio* (1741), de José António da Silveira, o qual levanta os primeiros argumentos, em língua portuguesa, favoráveis ao consumo dessa “bebida preta” em Lisboa.

Dois receituários dos jesuítas para o tratamento dos corpos no Brasil colonial
Profa. Dra. Ana Carolina de Carvalho Viotti (UNESP/Franca)

RESUMO: Para além das atividades evangelizadora e missionária, os jesuítas tiveram destaque no estabelecimento de boticas e santas casas em locais onde os médicos e boticários especializados não eram encontrados. Esses religiosos tomaram para si a tarefa de cuidar, também, dos corpos doentes, desenvolvendo, fabricando, aplicando, distribuindo e comercializando toda sorte de medicamentos. Entre os séculos XVI e XVIII, é encontrada uma série de obras que registrava suas experiências e indicações para a manipulação e aplicação desses remédios, verdadeiras coleções de receitas que conjugavam os saberes dos médicos mais destacados daqueles tempos com as preparações elaboradas em suas boticas, muitas vezes com ingredientes locais. Nesta comunicação, lançaremos luz sobre dois destes volumes – o *Formulário médico*, de 1702, e a *Coleção de várias receitas* [...], de 1766, livros que dão pistas sobre a ampla rede de informações e conhecimentos produzida e transmitida entre os inicianos. Considerando a organização dessas obras, o recurso ao conhecimento não religioso e local e as doenças recorrentemente mencionadas e medicadas, discutiremos que tipo de saber era desenvolvido e divulgado por esses “médicos da alma” sobre o tratamento dos corpos.

QUINTA-FEIRA, 07 DE JUNHO

MESA – ENTRE O CÉU E A TERRA, A ALMA E O CORPO

Coordenação: Prof. Dr. Armando Martins (CH-FLUL-ULisboa / APH)

A Antropologia Bíblica e a dos Padres da Igreja na Teologia da Cristandade Medieval

Prof. Dr. Francisco José Gomes (UFRJ / APH)

RESUMO: A antropologia bíblica do Antigo Testamento opõe Espírito (o hebraico ruah) a Carne (o hebraico basar). No Novo Testamento, a antropologia veterotestamentária é assumida com significativas alterações, sobretudo na vertente paulina. Assim sendo, Carne significa a natureza humana limitada, fraca, perecível. Para Paulo, é também fraqueza moral, pecado. O Espírito é um estado de alma, é o homem como um todo. É também a essência divina. Os Padres da Igreja assumem a antropologia bíblica e, alguns deles, a reinterpretem segundo as categorias da antropologia filosófica grega de corpo e alma, opondo, além disso, mortal a imortal. O corpo é vivificado pela alma (o psíquico) e é dirigido pelo espírito (o pneumático). Corpo é outrossim um organismo vivo formado por Cristo em união com os fiéis: o Corpo Místico de Cristo. Os Padres assumem assim a visão veterotestamentária de carne e espírito, articulando-a com a visão neoplatônica de corpo e alma.

Os sentimentos e as emoções do cavaleiro Túndalo em sua viagem ao além-túmulo (século XV)

Profa. Dra. Adriana Zierer (UEMA)

RESUMO: A viagem imaginária do cavaleiro Túndalo é uma narrativa visionária produzida no século XII por um monge irlandês chamado Marcus, com grande repercussão. O relato trata da ida de um cavaleiro pecador aos espaços do Além-Túmulo junto ao seu anjo da guarda, após sofrer uma morte aparente. Túndalo conhece os espaços paradisíacos e infernais, sofre várias penas e retorna regenerado de sua experiência de quase-morte. O texto é o relato

visionário mais conhecido antes da Comédia de Dante, tendo deixado inúmeros manuscritos em latim e sido conhecido em vários idiomas vernáculos. Em português, a Visão de Túndalo foi traduzida por monges do mosteiro de Alcobaça em fins do século XIV e início do século XV, período marcado pela ascensão da Dinastia de Avis ao poder, pela Peste Negra, pela eclosão de manifestações culturais de medo da morte – como a dança macabra –, além de ser o período inicial das Grandes Navegações. Há duas versões da narrativa, nos códices 244 e 266, atualmente na Biblioteca Nacional de Portugal. Na narrativa, podemos destacar a oralidade, a constante presença do anjo que conversa com a alma, visando obter o seu arrependimento; a ênfase na sensação dos órgãos dos sentidos nas punições e também nos locais paradisíacos; e as emoções do cavaleiro. Túndalo passa por vários estágios. Sente medo dos diabos e de ir para o Inferno, chora, se revolta contra Deus pelas punições, mas depois se arrepende, sentindo alegria e gratidão ao conhecer os locais paradisíacos. A narrativa nos auxilia a compreender a concepção medieval acerca do imaginário do Além-Túmulo.

O corpo sem espírito: os animais nas enciclopédias do século XIII

Prof. Dr. Rafael Afonso Gonçalves (USP)

RESUMO: Entre as características que distinguiam o homem de todas as outras espécies de animais colocadas por Deus sobre a Terra, a presença de uma substância espiritual foi um aspecto frequentemente destacado por diferentes letrados que, ao longo do século XIII, escreveram sínteses do conhecimento livresco difundido naquela época, posteriormente conhecidas como enciclopédias. De acordo com esses homens de saber, o componente imaterial e incorruptível contido na alma humana lhe daria a possibilidade de conhecer a Deus e arbitrar sobre sua própria conduta, garantindo, também, sua superioridade em relação às demais criaturas e a legitimidade de agir sobre elas. Esta apresentação pretende examinar, a partir dos tratados enciclopédicos, a relação entre primazia do espírito sobre a carne e a ação do homem sobre o mundo animal, tendo em vista uma melhor compreensão das formas como aqueles letrados concebiam o controle, os usos e a partilha desses recursos naturais.

Da ordem dos céus à ordem dos corpos, escritos sobre influências astrais e medicina.

Profa. Dra. Simone Ferreira Gomes de Almeida (FBN)

RESUMO: Uma das recomendações de Roger Bacon em prol do bom governo do corpo ou da coisa pública é a propósito do conhecimento das influências astrais, as quais, segundo ele, agem sobre a totalidade do mundo, bem como sobre as coisas em particular. Atentando especificamente para o cuidado com o corpo, a partir da constância das referências às influências astrais nos escritos ibéricos dos séculos XIV e XV – período em que o saber astrológico se destacava –, a presente comunicação examinará o papel atribuído à astrologia nas formas de curar, nas interpretações sobre o funcionamento dos membros corporais e, inclusive, na eleição de datas para cirurgias. Importa, sobretudo, pensar, neste estudo, sobre o jogo das semelhanças duplicadas entre microcosmo e macrocosmo, que levava à interpretação de uma criatura como espelho da ordem imensa da natureza, até mesmo da ordem dos céus e dos astros.

Caminhos da salvação e da saúde da alma no teatro vicentino

Profa. Dra. Vânia Leite Fróes (UFF)

RESUMO: Os autos sacros de Gil Vicente alinham-se entre as grandes obras do teatro medieval, quer pela originalidade de suas formas, quer pela rica temática que se insere na dinâmica da sociedade luso-medieval, de formas diversas. Os caminhos para a salvação e a saúde mental do espírito situam-se numa sacralidade recorrente no final da Idade Média, expressando muitas vezes pelo grotesco, pela inversão social, pela criativa exemplaridade e pela crítica forte, um desejo de profundas mudanças na fé e devoção que se aproximam do humanismo de Erasmo e na Devotio Moderna.

SEXTA-FEIRA, 08 DE JUNHO

MESA – ZELOS CORPORAIS E SOLUÇÕES CURATIVAS

Coordenação: Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira (UNESP/Franca)

O corpo cristianizado sob os cuidados da escolástica médica

Profa. Dra. Dulce Amarante dos Santos (UFG / APH)

RESUMO: O presente texto apresenta as relações entre dois discursos sobre o corpo humano. Primeiro, o eclesiástico, que tenta discipliná-lo e, segundo, o da escolástica médica (século XIII), que constrói outras concepções a partir da teoria médica disponível na época. O ser humano foi definido pelos teólogos medievais como a associação de um corpo e de uma alma numa união que revelava uma concepção geral do mundo e da ordem social fundada nessa dialética, por vezes ambígua, do interior e do exterior. Pois, na longa duração medieval e além dela, quando se discutia a relação alma/corpo, pensava-se também nas relações entre o interior e exterior da pessoa humana, de modo que esse corpo se tornava o indicador material da expressão da alma. Por outro lado, a medicina, na busca da compreensão dos fenômenos de saúde e enfermidade do corpo humano, desvenda outras conexões, por vezes em desacordo com a moral cristã.

Uma história dos cuidados com o corpo em língua portuguesa (séculos XV-XVIII)

Profa. Dra. Michelle Souza e Silva (FBN)

RESUMO: O objetivo desta comunicação é apresentar o esboço de um catálogo de escritos em língua portuguesa, produzidos em Portugal e no Brasil, entre os séculos XV e XVIII, os quais tinham como principal alvo o ensino dos cuidados com o corpo. O século XV é o ponto de partida, pois é quando a língua portuguesa ganha protagonismo em Portugal, bem como, em decorrência da peste, os ensinamentos sobre o corpo tornam-se centrais; o século XVIII, por sua vez, é o momento imediatamente anterior ao surgimento

da análise laboratorial, que altera os modos de investigar as doenças, de prescrever a cura e de se prevenir dos diversos achaques à espreita. Nesta comunicação, entretanto, dados os limites propostos, o objetivo é colocar em cena apenas os primeiros escritos que de algum modo contribuíram na construção de um patrimônio moral partilhado em terras lusas e na América Portuguesa, pelo menos no que diz respeito a uma das faces desse patrimônio: as prescrições moralizantes voltadas para o corpo.

MESA DE ENCERRAMENTO – LUGARES PARA DEBELAR OS MALES DO CORPO E DA ALMA

Coordenação: Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França (UNESP/Franca / APH)

Hospitais medievais em Portugal nos finais da Idade Média: uma complexa pauta de valoração e de jurisdições

Profa. Dra. Margarida Garcez Ventura (CH-FLUL-ULisboa / APH)

RESUMO: Nos finais da Idade Média os hospitais alteram a sua função: de locais de acolhimento passam a ser locais de tratamento. Quem são os «pobres» que merecem beneficiar de abrigo e como se valoriza essa tão contraditória condição e o que é, afinal, a pobreza? Depois, chegam os doentes a necessitar de cura. Mas o que é doença e como se relaciona com o pecado? E, a montante disto tudo, o cuidado das almas exercido pelo clero, dispensador habitual da graça divina, e o cuidado das estruturas materiais, cuja temporalidade as situa na esfera do temporal, assumido pelo rei, com sua legislação e oficiais.

Reformando a saúde no século XV. O Hospital de Todos os Santos

Profa. Dra. Manuela Mendonça (CH-FLUL-ULisboa / APH)

RESUMO: Substituindo os pequenos hospitais que, ao longo da Idade Média, serviam de acolhimento a pobres e doentes, o monarca D. João II concebeu uma rede de “grandes” hospitais, de resposta mais ampla e eficaz. Para tanto viria a obter a necessária anuência papal, sujeita ao compromisso de que “curar” o corpo impunha também saúde espiritual e apoio aos mais

desfavorecidos. Paradigma dos Hospitais construídos a partir de então, seria o Hospital Real de Todos os Santos, edificado no coração de Lisboa. O respectivo “Regimento”, verdadeira obra de arte da saúde e assistência, será analisado nesta conferência.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

ST 01 - DA ALMA AO CORPO E DO CORPO À ALMA NOS ESCRITOS MEDIEVAIS E MODERNOS

Coordenadores: Profa. Dra. Letícia Alfeu (UNESP/Franca)

Prof. Me. Gabriel Ferreira Gurian (Doutorando – UNESP/Franca / Bolsista CNPq)

Ementa: Do século XIV ao século XVIII, as duas substâncias sobre as quais incide a ética cristã, o corpo e o espírito, mereceram atenção dos letrados de vários reinos europeus, que optaram pela língua vernácula para difundir ensinamentos da mais diversa ordem. Os cuidados com o corpo ganharam um certo destaque, mas as questões sobre o espírito mereceram da mesma forma atenção e cuidado. Nesse período, numerosos textos de gêneros diversos, desde tratados escritos por físicos a obras moralizantes de religiosos e leigos, reis e nobres inclusive, começaram a vir a público em forma manuscrita e depois impressa, organizados em torno de um amplo objetivo: o regramento moral dos leigos. Sendo assim, o presente simpósio procurará discutir algumas das faces históricas desse movimento ordenador que vai do corpo à alma e da alma ao corpo, considerando as múltiplas relações entre essas duas esferas apontadas como constitutivas do homem. O vínculo entre os cuidados com o corpo e a integridade da alma, o controle dos gestos e posturas corporais no âmbito privado ou público, as intersecções entre a saúde do corpo e a moral ou entre o corpo e a vida espiritual são alguns dos eixos condutores da discussão.

07 DE JUNHO, SESSÃO 01 (MANHÃ)

O corpo ferido: as agressões em miniaturas do Homiliário de Saint-André- du-Cateâu

Pamela Wanessa Godoi (Doutoranda – USP / LATHIMM)

RESUMO: O BM Cambrai 528 é um Homiliário. Discute-se que sua data de produção esteja entre o final do século XI e final do século XII; feito para a abadia beneditina, hoje inexistente, de Saint-André- du-Cateâu, ele se encontra atualmente abrigado pela Biblioteca Municipal de Cambrai, no norte da França. Com 274 fólhos e 40 miniaturas, o investimento feito na produção das imagens é bastante excepcional, já o pergaminho não aparenta boa qualidade, e tem várias manchas e furos. Além das marcas da produção, e do tempo, encontramos em alguns fólhos um importante tipo de vestígio de uso: as agressões. Nesse trabalho interessa particularmente apresentar as referências sobre esse tipo de manipulação posterior. Algumas imagens foram cortadas por leitores desse códice. Esses cortes, em diferentes níveis, nos apresentam a íntima relação entre a imagem vista e a sensação despertada por ela, além de remeter a agredido diretamente à matéria da imagem. A primeira imagem que destacamos é a letra inicial do texto sobre o martírio de santa Inês. A miniatura, que ocupa a parte superior da segunda coluna no verso do fólho, nos apresenta a figura da santa com uma espada em meio à garganta. Um soldado está empunhando a espada, em sua garganta foi feito um corte no pergaminho: ele foi degolado por um observador, revidando o que faz à santa Inês. A segunda imagem é a inicial H do texto sobre o martírio de são João feita também na segunda coluna do verso do fólho a miniatura se destaca ainda mais, por ocupar o meio da página. O algoz de São João, que levanta a espada que acabou de ser usada para decapitar João, também foi agredido, vários cortes indicam o uso de um objeto pontiagudo direcionado para a mão e o rosto do agressor. Os cortes apresentam um tipo diferente de manipulação, enquanto o algoz de santa Inês recebeu uma decapitação bastante precisa, o algoz de são João foi atacado violentamente. Difícil confirmar o período das agressões, e ainda mais seus autores. Mas aqui perceber como a imagem agenciou o sentimento que a cena trouxe nos leva a refletir como representação visual feita nas miniaturas pôde exercer um papel ativo junto ao leitor do livro. As miniaturas foram agredidas, mas é ao corpo que ali representam que a violência se dirigiu. Ao escolher especificamente mão, rosto

e pescoço para serem manipulados, o – ou os – agressores nos deixaram vestígios para refletir sobre as relações estabelecidas entre a visualidade e a materialidade. Entre o corpo da imagem, e os corpos representados pela mesma.

Cristo-Imagem: a Presença Real e o sofrimento das imagens ultrajadas
Debora Gomes Pereira Amaral (Doutoranda – USP / LATHIMM)

RESUMO: Quando João diz: “olharão para aquele que transpassaram” (João, XIX, 37) está se referindo àqueles que se encontravam no Calvário e que puderam, por meio da visão do sofrimento de Cristo, contemplar a glória de seu sacrifício. Ou seja, a cruz, com o advento do cristianismo, deixou de ser um símbolo de infâmia, e passou a ser o símbolo do Salvador. Assim, o crucifixo, o Cristo-imagem em sofrimento/morto (figurado tridimensionalmente) tornar-se-á, para a fé cristã, objeto visual de devoção por excelência. Diferentemente da hóstia, em que o dogma da transubstanciação confirma a presença real de Cristo na eucaristia, o crucifixo tem a presença reconhecida não institucionalmente, mas através das lendas dos inúmeros crucifixos milagrosos que em alguns casos sangraram após serem atacados. São lendas de cunho antijudaico, marcadas pelo topos do judeu deicida, que usaria crucifixos em rituais de simulação da Paixão. Nossa proposta para essa comunicação é apresentar uma reflexão sobre a percepção cristã da presença real do corpo de Cristo em sua imagem, por meio de lendas como a do Santissimo Cristo del Salvador de Valencia, derivada da narrativa milagrosa do Cristo de Beirute. Pretendemos, portanto, problematizar a intercambialidade entre a representação e o representado, e as potencialidades “viventes” dos crucifixos milagrosos na Península Ibérica do século XIII.

Sobre o destino do corpo e do espírito: representações dos eleitos e dos condenados nas imagens do Juízo Final na Itália a partir do século XIII
Mariana Pincinato Quadros de Souza (Doutoranda – USP / LATHIMM)

RESUMO: Nesse trabalho, debruçar-nos-emos, a partir da proposta temática “Do corpo e do espírito”, sobre as representações dos eleitos e dos condenados nas imagens do Juízo Final na Itália, a partir do século XIII.

Sabemos que as primeiras imagens do Juízo Final no mundo ocidental foram produzidas entre os séculos IX e XI, mas a difusão desse tema iconográfico se deu apenas a partir do trecento, quando ocorre uma mudança significativa na construção dessas imagens, com destaque nas representações dos cortejos dos eleitos em direção ao Paraíso e das penas dos condenados no Inferno. Baseando-nos em uma série de pinturas murais em afresco e mosaico, particularmente produzidas na Itália entre os séculos XIII e XIV, faremos um estudo comparativo entre elas e procuraremos traçar algumas hipóteses, tanto para a significativa difusão do tema quanto para as tradições iconográficas que nascem nesse contexto e perduram por um longo período nas representações do Juízo Final no mundo ocidental.

For þem þat be in knyȝthode pursuyng: insuccessos marciais e a moralização da cavalaria inglesa na Guerra dos Cem anos (c. 1400 – c. 1450).

Fernando Pereira dos Santos (Doutorando – UNESP/Franca / Bolsista CAPES)

RESUMO: Nas décadas finais da Guerra dos Cem Anos, a sistematização por escrito dos saberes sobre o conflito no reino da Inglaterra prescreve aos cavaleiros normativas desejáveis a respeito de sua atuação marcial. O justo cuidado com o corpo deveria refrear a avidez guerreira pelo combate, e assim ofereciam-se emendas para o correto direcionamento das armas em proveito do bem comum. Nesse sentido, regulações dispersas em uma literatura que registrou, comentou e refletiu acerca da guerra indicam para inquietações contemporâneas a respeito do desempenho da função cavaleiresca, cada vez mais executada, de acordo com o ponto de vista dos homens de saber, sob finalidades que priorizavam ganhos individuais mais imediatos em detrimento dos esforços empreendidos pela Coroa para a defesa das regiões continentais sob seu domínio, colocadas em constante assédio por seus inimigos. Em face dessas questões, a comunicação propõe-se a ponderar sobre as recomendações de comedimento para o uso das armas aos cavaleiros, na mesma medida em que considerará o tênue equilíbrio estabelecido pelos moralistas ingleses dos quatrocentos entre a recorrente prática da cavalaria de combater em busca de proventos e a intrínseca associação com o fracasso militar da ordem de armas.

Os ritos fúnebres e o cuidado com os mortos: a relação dos povos do oriente com a morte aos olhos dos missionários franciscanos (séc. XIII e XIV)

Amanda Mantoan Sabino (Mestranda – UNESP/Franca / Bolsista CAPES)

RESUMO: A partir da reabertura das rotas de comércio do oriente entre os séculos XIII e XIV, inaugurou-se um momento conhecido como Pax Mongolica em que houve um aumento significativo das viagens de cristãos rumo às terras localizadas além da Pérsia e Armênia. Imbuídos da missão de viajar até os domínios do império mongol para ali alicerçar a Igreja católica, os membros da Ordem dos Frades Menores notabilizaram-se por sua expressiva produção de relatos acerca do itinerário e dos costumes dos homens dessas plagas longínquas. Durante suas incursões pelo oriente, missionários como João de Pian dei Carpine (1245-1247), Guilherme de Rubruc (1253-1255), João de Montecorvino (1289-1328) e Odorico de Pordenone tinham como um de seus alvos descrever como os mongóis e demais povos do oriente concebiam a morte e realizavam os rituais de sepultamento e purificação do morto. Com base nos relatos de viagem franciscanos, a presente comunicação buscará analisar a maneira como esses frades descreveram cultos fúnebres dos mongóis e de outros povos do oriente. Mais precisamente, o objetivo deste estudo será interrogar o espaço reservado pelos franciscanos em seus relatos para relatar diferentes aspectos da vida de homens e mulheres de outras crenças relacionados à morte.

A justa medida para o corpo e a alma dos clérigos: sustento e folgança na Castela do século XV

Rodolfo Nogueira da Cruz (Mestrando – UNESP/Franca / Bolsista FAPESP)

RESUMO: Ao longo do século XV, o cotidiano eclesiástico no reino de Castela é narrado por prelados e outros letrados como sendo permeado, entre outras práticas ilícitas a esse estado, por jogos e excessos na alimentação. Descritos como frequentadores de tavernas, incentivadores de folias e de contendias nas igrejas, os clérigos que viviam irregularmente recebiam, por meio dos livros sinodais, tratados de confissões e apólogos, ensinamentos de como essas práticas poderiam e corromper a alma. Essas atividades ilícitas levavam os homens de igreja, que deveriam ser exemplos de virtude, a cair nos pecados da cobiça, da ganância, da blasfêmia e da gula e os afastavam das funções

que seu ofício sagrado exigiam. Além de afetarem as matérias espirituais, tais práticas, vale destacar, poderiam afetar diretamente os corpos dos padres. Por isso – para manter uma imagem exterior que refletisse a honestidade da alma –, os clérigos são estimulados a manter saudáveis, também, seus corpos, sobretudo através de uma alimentação adequada e distrações em certos momentos. A fim de combater os deleites e as folganças que pareciam demasiado recorrentes, os prelados castelhanos recomendavam que os clérigos buscassem jejuns, mantivessem sobre controle a alimentação – no limite do necessário a saúde do corpo –, fossem comedidos quanto aos divertimentos e se furtassem à presença em tavernas. Diante de tais considerações, o presente trabalho pretende apresentar e questionar as consequências que os deleites da gula e da cobiça causavam na vida dos sacerdotes e dos fiéis que os assistiam, bem como a maneira com que os prelados buscaram prescrever a saúde para corpo ao mesmo tempo em que ordenavam abstinência e parcimônia durante o sustento e folganças.

A criação dos filhos no âmbito da corte de Avis (século XV)

Yasmin de Andrade Leandro (Mestrando – UNESP/Franca / Bolsista CAPES)

RESUMO: Entre os séculos XIV e XV, a corte dos reis de Avis notabilizava-se pela promoção de diferentes tratados de caráter didático-moral direcionados à formação dos fiéis católicos do reino, especialmente daqueles homens e mulheres mais próximos aos monarcas. Visando estabelecer as bases de um reino virtuoso, os príncipes dessa dinastia buscaram instruir esses nobres nos cuidados de seus corpos e espíritos, bem como na formação moral de seus filhos e filhas. Com ênfase nos tratados escritos pelos filhos de D. João I, nomeadamente o *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, e a *Virtuosa Benfeitoria*, de D. Pedro, Duque de Coimbra, o alvo deste trabalho é serializar os conselhos em estímulo aos pais e às mães a iniciar seus filhos e filhas tanto nos rudimentos da fé quanto nas regras elementares da corte. Em outras palavras, este estudo visa mapear os instrumentos que os homens e as mulheres possuíam para educar os futuros condutores do reino de Portugal. Mais precisamente, nosso principal objetivo é esquadriñar o papel dos pais e mães na formação de homens e mulheres que deveriam suceder-los na gestão das principais instituições desse reino cristão.

Trilhar por terras insalubres: Descrições de enfermidades e doenças nos relatos de viagens castelhanos do século XV.

Waslan Saboia Araújo (Mestrando – UNESP/Franca / Bolsista FAPESP)

RESUMO: As obras que legaram registros sobre as andanças de castelhanos por terras distantes durante a primeira metade do Quatrocentos apresentam uma vasta gama de informes sobre o cotidiano dos deslocamentos pelo mundo conhecido até aquele momento. Entre os elementos descritos por esse tipo de documentação, são significativas as menções que abordam as agruras e provações vividas pelos homens durante o deslocar. Um dos males mais recorrentes nesse tipo de relato são as descrições de fadigas e enfermidades que acometiam os viajeiros ao longo de suas jornadas. O ato de palmilhar por bandas afastadas, e desconhecidas, acabava por expor os viajantes a climas e terras alheios, e em muitas ocasiões nocivos. Conseqüentemente, aqueles que empreenderam viagens durante este período mostraram-se atentos a qualquer aspecto que pudesse de alguma forma conspurcar seus corpos e abalar sua vitalidade, desse modo, não foram poucas as alusões a “terras doentes” ou reinos tomados por ares e águas que se mostravam danosas a saúde daqueles que por lá passavam. Uma vez dito isto, a proposta desta comunicação é a de discorrer sobre como os homens que partiram para as terras distantes registraram suas interações com os ambientes por onde transitaram, buscando analisar quais foram os contornos das epidemias e doenças dentro desses relatos que tinham como um de seus objetivos informar sobre as terras longínquas.

07 DE JUNHO, SESSÃO 02 (NOITE)

Os impactos da peste na vida social de Lisboa no início do século XVI

Joyce Nader Altenfelder Silva (Graduanda – UNESP/Franca / Bolsista PIBIC)

RESUMO: Em finais do século XV, quando Portugal fora assolado por uma epidemia de peste, o monarca D. João II, entre diversas medidas de combate àquele mal, encomenda a tradução para o português e a publicação do

Regimento Proveitoso Contra a Pestilência. Ali, propunha-se uma verdadeira intervenção social, com direcionamentos precisos sobre a higiene pública e privada, demonstrando a preocupação das autoridades com os aspectos das ruas, como limpeza urbana, remoção de lixo, esterco, água acumulada e dejetos. No que se refere aos preceitos médicos, a obra – escrita em latim por um bispo da Dácia, traduzida para o português por Frei Luís de Rás – apresentava como sendo três as causas da peste: da raiz superior, da raiz inferior e da junção das duas. Dessas causas e das formas de emendar tal peste, importa sublinhar, aqui, o destaque dado ao ar e ao ambiente como meios de propagação e de cura de toda a sorte de doenças: muitos, para prevenir o acometimento da peste, migraram para regiões altas e distantes, mais salubres, o que, se não teve o efeito esperado na contenção da epidemia, foi crucial para uma alteração da dinâmica social naquela porção da Península Ibérica. É nesse contexto que encontramos Valentim Fernandes, responsável pela impressão do *Regimento* – e o principal impressor de Portugal –, obrigado, então, a deixar sua oficina tipográfica em Lisboa. Ao deixar a cidade, o tipógrafo acaba, também, por deixar inacabado o projeto da que seria possivelmente uma obra impressa de caráter único e de extrema importância para a divulgação da história dos descobrimentos e feitos portugueses, mantida, por anos, incógnita. A partir da trajetória desse importante impressor, buscamos pensar os demais efeitos que a epidemia de peste desencadeou em Lisboa, para além dos aspectos no âmbito da saúde. Dito de outro modo, o presente trabalho procurará analisar o impacto social que a epidemia de peste bubônica teve durante o reinado de D. João II, com especial atenção aos efeitos acarretados pela doença que não se enquadravam em medidas essencialmente médicas, nomeadamente os relacionados às atividades de impressão de Valentim Fernandes.

Paixões poéticas e sentimentos de duas poetisas: expressões de corpo e alma
João Paulo Ribeiro Beraldo (Mestrando – UNESP/Franca)

RESUMO: O Renascimento italiano foi um período de grandes transformações, tanto nas artes, mais conhecidas, quanto na política, sociedade, entre outras. A literatura também teve seus grandes expoentes, desde Dante Alighieri a Pietro Aretino, são nomes aclamados até hoje e que tiveram excelentes e impostíssimas contribuições. Mas, quanto às mulheres, elas tiveram a

oportunidade de se expressar? E mais: de se expressar publicamente? Este trabalho pretende apresentar a análise de trechos selecionados das obras de duas poetisas italianas do Renascimento do século XVI, muito importantes para a literatura da época. A primeira, Veronica Franco, era uma cortesã veneziana educada de acordo com os preceitos de sua época, era uma das protegidas de Domenico Venier, foi julgada como bruxa pela Inquisição, mas não condenada. A segunda, Veronica Gambara, era uma dama aristocrática, que fora governante das terras de seu falecido marido, o conde Giberto X de Correggio, elogiado na poesia de sua esposa, juntamente com as belezas de suas terras e o louvor aos príncipes como o Imperador Carlos V. Ambas, tanto Franco quanto Gambara possuem uma importante produção literária, e suas contribuições à arte da escrita renascentista não deixa a desejar a qualquer homem de sua época. O objetivo deste trabalho é expor analiticamente as expressões das duas poetisas que expuseram de corpo e alma todas suas paixões, seus amores e sofrimentos, louvores de suas terras entre outros sentimentos presentes em seus poemas. Dentre as obras literárias analisadas encontram-se as *Terze Rime* de Veronica Franco, coletânea publicada em Veneza no ano de 1575 e as *Rime* de Veronica Gambara, coletânea publicada por volta de 1540 e também encontrada uma obra organizada por Felice Rizzardi em 1759, cujo autor dedica a um parente distante de Gambara o Conde Niccolò Gambara de Brescia, na Emilia-Romagna, terra natal de Veronica Gambara.

Frutas do Brasil: a edificação de uma monarquia ascética

Rebeca Capozzi (Graduanda – PUC-SP / Bolsista FAPESP)

RESUMO: Este trabalho consiste na análise e interpretação da obra *Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarchia Consagrada à Santíssima Senhora do Rosário* (1702), escrita por Frei António do Rosário (1647-1704). Esta obra foi escrita durante a estadia de Rosário no Brasil – permanecendo primeiramente em Olinda e posteriormente em Salvador – e possivelmente circulou no ambiente letrado do mundo ibérico. *Frutas do Brasil* contém três parábolas, além dos documentos referentes à publicação e censura da mesma. As três parábolas são divididas entre capítulos, cada uma; elas são destinadas à Nossa Senhora do Rosário e nelas o autor alegoriza a flora brasileira transpondo, assim, características físicas em virtudes espirituais, morais e

cristãs. Rosário cria uma representação alegórica da natureza física e espiritual brasileira através de trinta e seis frutas que ele mesmo seleciona em território brasileiro e, durante sua narrativa, tenta demonstrar através de uma estratégia alegórica a possibilidade da instauração de uma Monarquia Ascética no Brasil, enquanto forma de centralidade ética, política e econômica do corpo imperial marítimo português - possível sugestão que Rosário indica no próprio título da obra. O trabalho investiga a provável relação entre o conceito de Antigo Regime Católico de João Fragoso e a noção de Monarquia Ascética proposta na obra *Frutas do Brasil* por António do Rosário. A partir da análise documental e sua relação com a Bibliografia específica e geral, pretende-se compreender as ideias político-religiosas e morais da monarquia ascética de Rosário e suas intenções. Para embasar teoricamente este artigo, utilizamos o conceito de Alegoria de João Adolfo Hansen; Representação de Roger Chartier e Antigo Regime Católico de João Fragoso.

Os problemas acerca do corpo e da alma do escravo nos tratados religiosos e nos processos inquisitoriais do Brasil colonial

Monique Marques Nogueira Lima (Doutoranda – UNESP/Franca / Bolsista FAPESP)

RESUMO: Em meados do século XVIII, o padre Manuel Ribeiro Rocha (? - 1778) escreveu um dos mais importantes tratados sobre a escravidão no Brasil. Ao versar sobre as formas de tratamento direcionadas aos escravos pelos senhores e pensar a escravidão a partir da ética cristã, em Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado, Rocha objetivava, de uma só vez, a racionalização da condição escrava e a salvação da consciência dos senhores. Ele não foi o único. Com maior ou menor ênfase, o problema do trato dos escravos, que incluía uma série de prerrogativas, como o sustento, o castigo, a instrução e o trabalho, também esteve presente nas linhas de outros letrados instalados por aqui (é possível citar os padres Jorge Benci [1650-1708] e André João Antonil [1649- 1716]). Se as prescrições indicavam a obrigação senhorial de alimentar, vestir, cuidar e instruir, também aconselhavam a punição e o trabalho moderados. O castigo, especificamente, formou, no âmbito da relação senhor-escravo, um motivo especial de conflito, aspecto evidente também em outro tipo de documento: os processos da justiça inquisitorial. Nesse caso, os inquisidores, interessados na apuração das

transgressões da fé e da carne, informavam-se concomitantemente dos tipos de relações que envolviam escravos e senhores no espaço do cativo, bem como da necessidade de ensinamento dos cativos na doutrina cristã. Portanto, com a intenção mais geral de demonstrar os problemas que cingiam o vínculo corpo e alma a partir da condição da escravidão, a presente comunicação tem por objetivo analisar as prescrições dos letrados setecentistas sobre o tratamento dos escravos e, ao mesmo tempo, pensar os tipos de desvios que poderiam adicionar o Santo Ofício como mediador na instrução da Fé.

A prática batismal e os cuidados com o corpo e com a alma na luso américa (sécs. XVII e XVIII)

Lucas de Almeida Semeão (Mestrando – UNESP/Franca / Bolsista CAPES)

RESUMO: A prática batismal, dentro das tradições ritualísticas do cristianismo, representou, não apenas na época moderna, mas em outros períodos, a inserção do sujeito nesta comunidade religiosa, que passa do estado de pecador original, proveniente da inicial não integração da vida cotidiana nos costumes e morais cristãos, ao estado de participante desse tipo de regulamento social, à partir da adesão dessas novas condições comportamentais exigidas pelo corpo religioso dos fiéis. A concordância da subjugação do indivíduo à religião católica e aos seus dogmas seria o primeiro passo para se livrar do castigo eterno e alcançar a vida celeste, tão almejada pelos cristãos, que deveria ser obtida sobretudo por meio da busca de uma vivência virtuosa que, teologicamente falando, sempre privilegiaria o sagrado ao profano. Especificamente durante o período de ocupação e desbravamento do território luso americano pelos portugueses, o batismo serviu como instrumento simbólico de conversão dos desbravadores, que objetivavam a inserção - forçada, se fosse preciso – dos seus costumes civis e religiosos, duas esferas que se misturavam frequentemente, no cotidiano dos outros povos que habitavam o Brasil no período, desenvolvendo técnicas dialéticas pensadas de fala para tentar cumprir este objetivo. Assim, a prática cristã do batismo, associada à teologia da conversão e da salvação, representaram uma das principais estratégias dos grupos missionários religiosos que aqui estiveram, para tentar realizar a ocupação religiosa e moral dos cristãos portugueses nas terras do Brasil. Entretanto, é preciso destacar que o exercício da atividade batismal, ligada às técnicas de conversão dos povos considerados

selvagens pelos portugueses, os índios e negros, estava também coadunada algumas vezes à um discurso específico próprio da comunidade católica: a crença na manifestação direta do divino no meio terreno, a fé nos feitos miraculosos. Há uma série de narrativas produzidas em língua portuguesa durante o período colonial que narram acontecimentos milagrosos associados ao batismo, encarado nas narrativas muitas vezes também com uma prática milagrosa, além de salvacionista e instrumento de conversão, mostrando a íntima relação existente no período colonial entre moralidade, fé, corpo e alma. As biografias devotas vem sendo uma importante fonte de coleta de relatos de casos milagrosos que se relacionam com o batismo: em 1607 Pero Rodrigues redigia a primeira Vida dedicada à contar os feitos realizados pelo Padre jesuíta José de Anchieta e apesar da obra objetivar a ampliação do culto à sua figura, relacionando-a à um discurso de santificação, buscando ao longo da narrativa edificar sua vida virtuosa e missionária para servir de espelho aos fiéis, a fama de milagreiro do padre é descrita persistentemente em certos momentos do livro. E é impossível não destacar os feitos miraculosos em que Anchieta cura um índio através do batismo e ressuscita um outro temporariamente para batizá-lo, com a esperança de o salvar do castigo eterno. O mesmo pode ser visto na *Vida do padre jesuíta João de Almeida*, redigido por outro jesuíta, o Padre Simão de Vasconcelos, em 1658, obra que possuía intuítos parecidos à de Pero Rodrigues: e novamente gentios (agora meninos, especificamente) são ressuscitados temporariamente de maneira milagrosa por Almeida, batizados, “aspirando” momentos depois. No século XVIII foi a vez do jesuíta arcebispo da Bahia Sebastião Monteiro da Vide, na *Vida dedicada à Madre Victória da Encarnação*, escrita em 1720, narrar a cura de um menino negro, que após ser batizado, recuperou a saúde milagrosamente. O objetivo da exposição, desta maneira, é pensar as possíveis relações existente entre o batismo, instrumento de conversão, símbolo de expurgo do pecado, instrumento de salvação e também de curas milagrosas, e os cuidados com o corpo e com a alma no Brasil nos séculos XVII e XVIII.

ST 02 – DO CORPO DA NAÇÃO E DO ESPÍRITO DE ÉPOCA NOS SÉCULOS XIX E XX

Coordenadoras: Profa. Dra. Karina Anhezini (UNESP/Franca)

Profa. Dra. Daiane Machado (Pós-Doutoranda – UNESP/Franca – Bolsista FAPESP)

Ementa: O presente simpósio temático visa acolher pesquisas acerca dos diversos e intrincados contextos de constituição e remodelação da nação brasileira nos séculos XIX e XX. Interessa-nos, sobretudo, discutir os escritos dedicados a delimitar o corpo da nação, seja ele formado pelos grandes nomes, ou pelo povo, e escritos voltados à construção do passado nacional figurado pelos letrados, muitas vezes, como o captar do espírito de época.

07 DE JUNHO, SESSÃO 01 (MANHÃ)

Corpos polidos e vestidos: perspectivas de um Rio de Janeiro moderno no Oitocentos

Mariana de Paula Cintra (Mestranda – UNESP/Franca / Bolsista FAPESP)

RESUMO: É consenso na historiografia que a chegada da família real portuguesa aos trópicos em 1808 contribuiu para um movimento gradual de modernização, urbanização e europeização, sobretudo, da então capital brasileira oitocentista. Na tentativa de difundir os aspectos civilizados, tanto das pessoas abastadas que ali viviam quanto das modificações no espaço público, os jornais foram veículos preciosos ainda que não tenham sido exclusivos. Folhas nacionais diárias, semanais, quinzenais e mensais puderam circular livremente pelas ruas da cidade a partir da criação de uma tipografia oficial, também em 1808. Mas, afinal, que Rio de Janeiro era esse propagandeado pelos impressos da época? O que se lia sobre as ruas, os ambientes festivos e, inclusive, sobre as roupas vestidas por aquela gente? A presente comunicação procurará entender, por meio dos primeiros impressos redigidos, quais foram os parâmetros usados pelos coetâneos para construir e reafirmar a existência de um Rio de Janeiro – e em alguns momentos de um Brasil – mais moderno. Como a ideia é analisar os primeiros passos dessa dinâmica, nos demoraremos em três aspectos do cotidiano fluminense oitocentista: o estabelecimento de um comércio europeu nas vias públicas a

partir da abertura dos portos, o aprimoramento dos espaços sociais e dos divertimentos e, por fim, para prestigiar esses novos cenários, os tipos de vestimentas usadas pelos corpos elegantes da capital brasílica.

O “Regimento dos preços dos medicamentos simples, preparados e compostos [..]” e a farmácia brasileira no início do século XIX

Amanda Peruchi (Doutoranda – UNESP/Franca / Bolsista CAPES)

RESUMO: Entre as muitas determinações do Príncipe Regente, D. João de Bragança, após a chegada da família real ao Brasil, o alvará de 5 de novembro de 1808 versava exclusivamente sobre o exercício dos boticários e o preço das drogas. Segundo o alvará, em razão de o Brasil fazer uso da *Farmacopeia Geral do Reino* – existente desde 1794 –, que tornava uniforme a preparação e a composição dos medicamentos, o Príncipe Regente determinou a criação de um documento que organizasse o preço das substâncias medicamentosas vendidas no Brasil. Publicado pela primeira vez no final de 1809 pela tipografia da Impressão Régia, o *Regimento dos preços dos medicamentos simples, preparados e compostos [...]* foi produzido nos anos subsequentes e tornou-se um indispensável instrumento de trabalho para os homens envolvidos com a feitura dos remédios naquele tempo. Desse modo, levando em consideração o papel do *Regimento dos preços [...]* na regularização da atividade farmacêutica no início do século XIX, a presente comunicação busca mapear, mesmo que de forma ainda panorâmica, quais eram os medicamentos e como eles eram classificados no regimento e quais as substâncias mais presentes na formulação dos remédios. Melhor dizendo, o objetivo é apresentar algumas considerações sobre esse documento a fim de dar a conhecer uma das primeiras iniciativas condizentes à farmácia brasileira oitocentista.

Breves notas sobre a construção da histeria no Rio de Janeiro (1837 – 1909)

Fernando Marques de Mello Júnior (Doutorando – UNESP/Assis)

RESUMO: O desembarque da corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, deu início a um intenso processo de transformações na cidade. Como nova sede da monarquia lusitana, a urbe recebeu uma série de investimentos

visando à modernização de seu espaço urbano e à europeização dos costumes de seus habitantes. Esse processo de adequação de uma sociedade de hábitos coloniais à nova realidade urbana e civilizada da cidade, desenvolvido ao longo de todo o século XIX, contou com os esforços de diversos agentes, entre eles os médicos. Nesse contexto, a medicina social – ramo da ciência médica que reflete e atua sobre a cidade e sua população – passou a esquadrihar o espaço urbano e sua gente com a intenção de instituir padrões considerados civilizados. A intensa ação da medicina no seio da sociedade carioca privilegiou a mulher entre seus objetos de análise e intervenção graças aos importantes papéis de mãe e de esposa que esta desempenhava no interior do novo modelo familiar posto em jogo a partir de então – a família higiênica. Não causa espanto, portanto, a quantidade nada modesta de textos médicos do período que dão conta dos mais variados aspectos da vida da mulher – o desenvolvimento do corpo e das paixões nas diferentes idades, a gravidez, o parto, o aleitamento, a educação das crianças, os deveres matrimoniais e as principais doenças a que estavam predispostas passam, cada vez mais, a ser objeto de profunda reflexão médica. Nesse cenário de profunda preocupação com o feminino, uma das tópicas que mais ocupou as páginas dos escritos médicos foi, sem dúvida alguma, a histeria. Doença causada, segundo a maioria dos autores do período, por disfunções no cérebro ou em todo o sistema nervoso, a histeria afligia os indivíduos impressionáveis, susceptíveis, aqueles dotados de uma constituição nervosa frágil. Assim, ainda que a enfermidade não fosse apanágio exclusivo da mulher, esta, possuindo, segundo o pensamento médico da época, constituição nervosa mais sensível do que a do homem, estaria mais propensa a desenvolver o histerismo. Dito isso, a comunicação proposta visa apresentar um breve esboço da maneira como a instituição médica da época – instituição produtora de um discurso com pretensões civilizatórias e agente modificar da população e da cidade do Rio de Janeiro – construiu a mulher histérica. Para tanto, nos debruçaremos sobre as teses escritas entre 1837, ano em que Antônio Luiz da Silva Peixoto apresenta à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro sua tese intitulada Considerações Gerais sobre a Alienação Mental, primeiro documento médico escrito no país a tratar da alienação mental e o primeiro, também, a mencionar, ainda que de maneira pouco pormenorizada, a histeria, e 1909, data da publicação da comunicação apresentada pelo proeminente Dr. Antônio Austregésilo à Sociedade de Psiquiatria e Neurologia intitulada Histeria e

Síndrome Histeróide, e que marca o início, no Brasil, do processo de desmembramento da histeria em uma série de outras doenças.

O Brasil Artístico e o caminhar de uma pintura nacional no Rio de Janeiro (1857)

Iris Paiva (Mestranda – UNESP/Franca / Bolsista CAPES)

RESUMO: As discussões da forma e do corpo nacional brasileiro durante o Oitocentos perpassaram, também, pelas capacidades pitorescas de seus artistas. Os letrados que versaram sobre as belas-artes, pensar e refletir acerca da pintura nacional tornava-se essencial para o desenvolvimento da nação. Textos e críticas foram publicados em diferentes periódicos fluminenses, sem que houvesse, porém, uma periodicidade constante sobre o assunto ou mesmo uma quantidade expressiva de revistas e jornais dedicados exclusivamente ao tema. A revista *O Brasil Artístico* (1857), nascida da Sociedade Propagadora de Belas Artes, foi o primeiro periódico fluminense, e por muito tempo o único, a lançar-se sobre as artes. Em suas páginas, delinear o corpo de uma nação a partir de escritos voltados às belas-artes, tanto nacionais quanto estrangeiras, tornava-se seu principal intento de existência. Nos escritos publicados pela revista, a preocupação com a pintura e o desenvolvimento nacional também não ficavam de fora. As ações da Sociedade Propagadora estenderam-se ao campo do ensino com a criação do Liceu de Artes e Ofícios, cujo intuito foi o de permitir a um maior número de cariocas o conhecimento e aprimoramento das belas artes. Assim, a presente comunicação tem como objetivo abordar a maneira que os escritos publicados no periódico aqui citado, muitas vezes de cunho crítico, ajudavam no encaminhamento da formação de um corpo nacional a partir das artes e, principalmente, da pintura. Dito de outra forma, pretende-se pensar a importância que os letrados da agremiação de belas-artes creditavam aos escritos, junto às suas ações no ensino, para o melhoramento dos pintores nacionais e, por consequência, da própria nação.

07 DE JUNHO, SESSÃO 02 (NOITE)

Republicano e maçom: as atividades de Luiz Gama entre as décadas de 1860 e 1870

Adrielli de Souza Costa (Mestranda – UNESP/Franca / Bolsista CNPq)

RESUMO: Luiz Gonzaga Pinto da Gama (1830-1881) escreveu, nos jornais da Pauliceia oitocentista, diversos artigos sobre temáticas jurídicas, políticas, além de obstinadas críticas ao cativo africano no Brasil. A partir de fins da década de 1860, Gama esteve envolvido com a fundação do Club Radical, que mais tarde seria chamado de Partido Republicano da província de São Paulo, e assinou a redação do *Radical Paulistano*, periódico que seria o veículo principal das ideias adotadas pelo grupo. Além de ter sido figura ativa em ações da Loja maçônica América, onde era membro. Fundamentada nessas características, a comunicação proposta terá como objetivo mapear os principais argumentos de Luiz Gama por meio de seus artigos bem como relacionar as ideias ali expostas com ações desenvolvidas pelo Club Radical Paulistano e a Loja maçônica América, na década de 1870, que contavam com Gama como um dos executores. E dessa maneira, perceber se é possível dizer que as atividades que o jornalista exerceu dentro desses dois grupos, de alguma maneira, se mostrou como um modo de colocar em prática os ideais que ele sustentou em boa parte de seus escritos nos periódicos da época.

Nação impressa: língua portuguesa e seus debates

Beatriz Rodrigues (Doutoranda – UNESP/Franca / Bolsista CAPES)

RESUMO: O final do século XIX e o início do XX representou um momento de intensas reflexões e debates sobre a nação brasileira. Buscava-se compreender e formular teorias a respeito do brasileiro, da nossa cultura, história e nacionalidade. Muitos intelectuais passaram a estudar nossas especificidades, tais como a geografia, a história, a literatura e a gramática. Variados aspectos foram considerados relevantes para explicar a realidade nacional e a língua foi aspecto primordial. Diante desse cenário, proponho investigar textos encontrados em periódicos brasileiros entre os anos de 1880 e 1930 que trataram da língua portuguesa. A alteridade entre Brasil e Portugal,

a inserção de neologismos – sejam eles brasileirismos ou estrangeirismos –, as mudanças ortográficas, o uso de palavras populares, são alguns dos temas de destaque. Deste modo, seremos levados a refletir sobre questões importantes da cultura brasileira por meio da língua, com destaque para os aspectos ligados à identidade e a constituição da nação.

Por entre os caminhos da Saudade e da Nação: Um estudo sobre A Saudade Brasileira de Osvaldo Orico

Maria Clara Costa Pereira (Mestranda – UFU / Bolsista CNPq)

RESUMO: “Saudade portuguesa! Saudade brasileira! Duas saudades irmãs, diferentes no espaço, no tempo, guardando, porém, a semelhança fisionômica, o ar de família, que as irmana no vocabulário universal, dando-lhes aquele privilégio de sentido e sentimento que nem os primos, – a soledad castelhana, a solità dos italianos, a anyoranza dos catalães, o souvenir dos franceses, – nem os conhecidos, – o *Sehnsucht* alemão, o *joy of grief* dos ingleses ou o *långtan* sueco ou ainda o *cocorobosoi* dos japoneses – possuem, exprimem, traduzem, representam, significam. Saudade! Duas almas reunidas num vocábulo! Uma palavra repartida por dois corações! Traço de união entre duas sensibilidades!” (ORICO, 1940, p. 36-37). Este trecho é do livro *A Saudade Brasileira* de Osvaldo Orico, publicado em 1940 no Rio de Janeiro pela Editora A Noite, e é justamente sobre esta obra que a presente comunicação irá tratar. A emergência da saudade neste livro é encarada enquanto elemento discursivo, constituinte e constitutivo, de um desejo de povo, nação e sentimento coletivo. Enunciá-la por meio de uma singularidade luso-brasileira e destacá-la em meio a uma multiplicidade de significados de línguas outras aparece, nesta reflexão, enquanto estratégia de um movimento de fabricação de um coletivo e sua história. Os estudos referidos por Osvaldo Orico que pretendem delimitar o étimo da saudade, assim como a própria *A Saudade Brasileira*, integram uma prática preocupada em dar dizibilidade e visibilidade não apenas à palavra, mas à coisa, por vezes inefável, que a corresponde, ainda que esta relação seja dinâmica e incapturável. Deste processo, o povo português, o povo brasileiro, seu elo, história e literatura são inventados sob a ótica da saudade, então, calcada enquanto expressão verdadeira deste abstrato que se quer enquanto corpo nacional. Perpassando as tessituras que vinculam sentimento, história, literatura e nação, esta comunicação propõe

leituras de trechos de A Saudade Brasileira no intuito de refletir sobre os mecanismos discursivos que fazem funcionar a saudade na construção do Brasil através da aproximação e/ou distanciamento de Portugal.

O ensino agrícola e a formação de novos agricultores no Brasil oitocentista
Janaina Salvador Cardoso (Mestranda – UNESP/Franca / Bolsista FAPESP)

RESUMO: Em meados do século XIX, a educação agrícola passou a ser um assunto discutido pelos letrados do Império do Brasil. A instrução de meninos desvalidos, jovens e adultos por meio do ensino de primeiras letras e de conhecimentos úteis para o trabalho agrícola foi considerada como uma das soluções viáveis para atender as novas demandas da lavoura nacional. Nesse período, *O Auxiliador da Indústria Nacional*, revista mensal editada pelos membros da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e distribuída no Rio de Janeiro e em diferentes províncias, já veiculava artigos, traduções e memórias que abordavam a importância de reformar a agricultura brasileira, um processo que também incluía a mudança nas práticas realizadas pelos lavradores. Diante do principal objetivo do periódico – em linhas gerais, promover a construção de uma agricultura renovada – e tendo em vista que a Sociedade Auxiliadora fundou e manteve duas escolas que ofereciam aulas voltadas à formação de lavradores, a Escola Noturna de Adultos (1871) e a Escola Industrial (1873), pretendemos apresentar como o ensino agrícola foi abordado nas páginas do *Auxiliador* e qual seria seu papel na formação de um Brasil moderno e civilizado.

“Internemo-nos!”: patriotismo e a compreensão do território nacional em
Alberto Rangel

Gerson Ribeiro Coppes Junior (Doutorando – UNESP/Franca / Bolsista CNPq)

RESUMO: Tal apresentação buscará expor o andamento da pesquisa de doutoramento que busca analisar o saber geográfico em fins do século XIX e início do século XX. Tendo como problema central a delimitação do saber geográfico neste período, ou seja, as regras e práticas que nortearam tal saber, o trabalho busca questionar como a geografia participou da discussão acerca

dos parâmetros que definiam a nação brasileira, assim como das disputas entre regional e nacional através dos trabalhos publicados pelos sócios do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB). Nesta exposição, buscaremos analisar os principais aspectos presentes no trabalho Aspectos Geraes do Brasil de Alberto Rangel publicado na RIHGB a fim de refletir sobre a delimitação do saber geográfico neste trabalho e sua relação com a questão nacional. Esperamos ao fim da pesquisa aprofundar o entendimento acerca dos saberes geográfico e histórico e, neste aspecto, da operação da geografia quanto a questão nacional e formações identitárias, com o intuito de problematizar a dualidade nacional/regional ao relacionarmos dois Institutos Históricos com projetos conflitantes.

INDICE DE AUTORES

ALMEIDA, S. F. G.	22
AMARAL, D.P.G.	27
ARAUJO, W.S.	31
AVELAR, A.P.....	9
AVELAR, M.C. F.....	15
BERALDO, J. P. R.	32
CARDOSO, J. S.	42
CAPOZZI, R.	33
CINTRA, M. P.	37
COPPES JR, G. R.	44
COSTA, A. S.	41
CRUZ, R. N.	29
GOMES, F. J.	20
FERREIRA, R. C.	17
FRANÇA, S. S. L.	9
FRANÇA, J. M. C.	12
FRÓES, V. L.	22
GODOI, P. W.	26
GONÇALVES, R. A.	21
JOSÉ, M. E. G.	18
LEANDRO, Y. A.	30
LIMA, M. M. N.	34
MACEDO, J. R.	16
MARTINS, A.	12

MELLO JR, F. M. M.	38
MENDONÇA, M.	24
MONTEIRO, M. C.	16
NAGY, P.	8
PAIVA, I.	39
PERUCHI, A.	37
PEREIRA, M.C.C.	42
PEREIRA, M.C.C.L.	15
PEREIRA, M. S.	18
REIS, M. F.	14
RIBEIRO, A. M. S. A.	13
SABINO, A. M.	29
SANTOS, D. A.	25
SANTOS, F. P.	28
SEMEÃO, L. A.	35
SILVA, J. N. A.	31
SILVA, MANUELA. S.....	12
SILVA, MICHELLE. S.	21
SOUZA, M. P. Q.	27
TEODORO, L. A.....	11
VENTURA, M. G.....	24
VIOTTI, A. A. C.	19
ZIERER, A.	20

ORGANIZAÇÃO

Grupo Temático *Escritos sobre os Novos Mundos*: uma história da construção de valores morais em língua portuguesa
Grupo de Estudos Luso-Brasileiro *Raízes Medievais do Brasil Moderno*

COORDENAÇÃO GERAL

Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP/Franca)
Jean Marcel Carvalho França (UNESP/Franca)
Ricardo Alexandre Ferreira (UNESP/Franca)
Susani Silveira Lemos França (UNESP/Franca)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Karina Anhezini (UNESP/Franca)
Manuela Mendonça (CH - FLUL - ULisboa / APH)
Maria Cristina Correia L. Pereira (USP)
Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB)
Michelle Souza e Silva (Fundação Biblioteca Nacional)
Rafael Afonso Gonçalves (USP)

EQUIPE TÉCNICA DE EXECUÇÃO – UNESP/FRANCA

Adrielly Costa * Aline Sobreira * Amanda Claudiano * Bruno Henrique Soares
* Carolina Teodoro * Gabriel Gurian * Gabrielle Neves * Guilherme Benatti *
Igor de Almeida * Iris Paiva * Joyce Altenfelder * Lucas De Almeida Sameão *
Myllena Silva Prado * Nathalia Soares * Vitória Rodarte * Vitória Marchetto *
Viviane dos Santos * Yasmin de Andrade Leandro

FINANCIAMENTO E APOIO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP

REALIZAÇÃO

Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica – CEDAPH
Grupo Temático *Escritos sobre os Novos Mundos*
Grupo de Estudos Luso-Brasileiro *Raízes Medievais do Brasil Moderno*

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

REITOR

Prof. Dr. Sandro Roberto Valentini

VICE-REITOR

Prof. Dr. Sergio Roberto Nobre

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DIRETORA

Profa. Dra. Célia Maria David

VICE-DIRETORA

Profa. Dra. Márcia Pereira da Silva

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Profa. Dra. Karina Anhezini de Araújo